



<http://doi.org/10.7213/2318-8065.05.01.p63-75>

Cruzando fronteiras: um diálogo teológico-literário sobre o pluralismo religioso na obra *A Viagem de Théo*, de Catherine Clément

*Crossing borders: a theological-literary dialogue about religious pluralism in the book *The Theo's Journey*, by Catherine Clément*

Rita de Cassia Scocca Luckner*

Resumo

A obra *A Viagem de Théo: Romance das Religiões*, de autoria da filósofa Catherine Clément, narra a jornada espiritual do personagem Théodore Fournay (Théo), um jovem francês que sofre de uma grave doença e que, convidado por sua tia Marthe, viaja para diversos continentes, visitando templos e centros sagrados, adquirindo conhecimento sobre outras culturas e sobre algumas das religiões praticadas no mundo, em busca de uma ajuda espiritual. A obra demonstra a diversidade religiosa existente no mundo e de como o ser humano tem se dado conta disso, principalmente devido ao efeito da globalização. Essa diversidade tem gerado estudos e chamado a atenção de teólogos, antropólogos, cientistas da religião e de estudiosos de outros campos do conhecimento. Buscou-se, neste artigo, uma análise da obra *A Viagem de Théo*, apontando os elementos que remetem às ideias de pluralismo religioso e suas implicações. A obra aborda o divino por meio da linguagem literária e, por retratar aspectos de diversas religiões, aponta que o diálogo inter-religioso ou interfé envolve respeito e abertura para falar e ouvir, a aprender com o outro, a conscientizar de que o diálogo envolve pessoas e não determinada religião ou instituição religiosa. Tais premissas despertam uma reflexão sobre a forma de ser cristão pelo viés da polidoxia, que reconhece a diversidade dentro da religião cristã como também a pluralidade de comunidades religiosas e espirituais do mundo.

Palavras chave: A Viagem de Théo. Pluralismo Religioso. Diálogo. Polidoxia.

* Mestra e doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Bolsista da CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8203-4025>. Contato: ritaluckner@uol.com.br.



Abstract

Theo's Journey: Romance of religions, authored by the philosopher Catherine Clément, narrates the spiritual journey of the character Théodore Fournay (Théo), a young French who suffers from a serious illness and, at the invitation of his aunt Marthe, they travel to different continents, visiting temples and sacred centers, acquiring knowledge about other cultures and some religious practiced in the world, seeking spiritual help. The book demonstrates the religious diversity that exists in the world and how human beings have become aware of it, mainly due to the effect of globalization. This diversity has generated studies and has drawn attention of theologians, anthropologists, scientists of religion and the theoristis from other fields of knowledge. Through this article we seek an analysis of the work The Theo's Journey , pointing out the elements that refer to the ideas of Religious Pluralism and its implications. The Journey of Theo, which beyond the description of some aspects of various religions, approached the divine through literary language, and points out that interreligious or interfaith dialogue should be faced with respect and openness to talk and listen, learn from each other, aware that dialogue involves people, religious or otherwise, and not a particular religion or religious institution. Such premises arouse a reflection on the way of being Christian through the bias of polidoxy, which recognizes the diversity within the Christian religion as well as the plurality of religious and spiritual communities in the world.

Keywords: *Theo's Journey. Religious Pluralism. Dialogue. Polidoxy.*

Introdução

A globalização desfez fronteiras em diversos aspectos da vida humana, sejam eles políticos, econômicos, sociais ou religiosos. Diante disso, a diversidade das comunidades, dentro desse conjunto de aspectos, que emergiu resultou tanto em vislumbres de novas possibilidades como também, no caso das religiões, em insegurança das tradições. “Enquanto no passado esta identidade era mais garantida e unificada, ela passa no mundo moderno para um regime plural”, mas, diante desse cenário, surgem para os indivíduos duas possibilidades: “O diálogo cosmopolita ou a redução fundamentalista”. Estas são possibilidades “concretas de reagir ao desafio da globalização” (TEIXEIRA, 2008, p. 73).

O objetivo que alimenta esta pesquisa é uma releitura da obra de Catherine Clément, *A Viagem de Théo*, buscando os elementos que abordam a diversidade religiosa em diversos locais do mundo e que incitam tanto uma discussão sobre as posturas exclusivistas, inclusivistas, e pluralistas, como também apontam para a importância do diálogo não arbitrário e de alteridade, que priorize questões importantes para o bem comum, como, por exemplo, as preocupações com o meio ambiente, a ruptura dos pensamentos que envolvem fundamentalismos e preconceitos, valorização dos direitos humanos, busca pela igualdade e paz. Para a teóloga Kwok Pui-Lan, “o diálogo ajuda a identificar as preocupações comuns e promove a construção de uma comunidade humana mais ampla”. (PUI-LAN, 2015, p.25).

A aventura do garoto Théo demonstra que o diálogo plural busca uma interação a partir da diferença, valorizando o outro em suas especificidades. O relacionamento recíproco a partir do diálogo inter-religioso ou *interfé* – pois não envolve religião ou instituição específica – defende que há verdade salvífica em todas as tradições religiosas, e essa abertura para falar com e ouvir o outro remete ao conceito de *polidoxia*. “A *polidoxia* insiste que nenhuma teologia ou credo pode exaurir o sentido de Deus e alegar infabilidade doutrinal”. (PUI-LAN, 2015, p.75). Dessa forma, percebe-se a positividade das diferenças no diálogo *interfé*, pois há mais verdades entre as religiões, no seu conjunto, do que em uma única religião. A passagem do garoto Théo pelas várias religiões e religiosidades ou espiritualidades, resultou em união de suas crenças, ritos, danças, orações, cultos, para um bem comum: ajudar Théo a superar a doença que o afligia. Fato que fez ressaltar tanto a importância da religião para os povos e do diálogo em busca de entendimento, pois as experiências religiosas compartilhadas podem seguir para “um processo de recuperação dos sentidos como linguagem significativa. (...) Não se trata de escolher entre o dogma e a experiência, mas de buscar a autenticidade afetiva nas vivências espirituais nas trajetórias pessoais”. (STEIL, 2008, p. 13).

Assim, busca-se neste artigo uma análise teológico-literária da obra *A Viagem de Théo*, contrapondo passagens do texto de Catherine Clément com as noções de *polidoxia*, abordado por Pui-Lan, e com a teologia pluralista de Faustino Teixeira, que são privilegiados nesta análise e que fazem parte das bases conceituais do *princípio pluralista* (RIBEIRO, 2017).

Traçando uma rota: O efeito da globalização na esfera religiosa

Não há dúvidas que a globalização foi um dos caminhos para que novas oportunidades surgissem, ademais, tem relação direta com a noção de pluralidade, como veremos a seguir, pois possibilitou a percepção da diversidade das comunidades religiosas.

A globalização, termo utilizado para referir-se ao processo de integração de países envolvendo aspectos econômicos e sociais, pode ser entendida, também, como um processo de transformação, como fenômeno resultante do tempo moderno e que tem influenciado todas as esferas da vida humana, inclusive a religiosa. Para Faustino Teixeira, trata-se de uma “globalização intensificadora”, pois pode trazer mudanças no cotidiano, coletivo e/ou individual, nos hábitos, no estilo de vida e,

inclusive, nas crenças. Ele afirma que, dessa forma, “atividades locais e cotidianas passam a ser influenciadas ou mesmo determinadas por acontecimentos que ocorrem do outro lado do mundo” (TEIXEIRA, 2008, p. 69). Esse fenômeno atinge os sistemas de crenças que passam a não controlar mais seus limites originários, ou seja, suas “fronteiras”, em que os símbolos religiosos passam a circular com maior facilidade e liberdade. Assim, a globalização traz a emergência de uma sociedade pós-tradicional, que é plural e cujas tradições, sem perderem suas particularidades e identidades, são levadas à exposição de seus elementos constituintes, a entrarem em contato com o diferente e a passarem por um processo de questionamentos e de (re)interpretação ou reinvenção dos seus significados e sentidos.

Como resultado dessa fragilidade dos limites dos elementos simbólicos e diante do pluralismo religioso que emerge, as religiões são postas diante de duas opções: defender a tradição com a recusa de abertura dialogal, de aceitação e tolerância, que muitas vezes implica o surgimento de fundamentalismos; ou opta pela comunicação aberta e dialógica que, segundo Teixeira (2008), é o desafio fundamental para a humanidade, envolvendo o exercício de transpor fronteiras e o diálogo inter-religioso, que exige tanto transformação como também a capacidade de reconhecer semelhanças na diferença. Estabelecer um diálogo inter-religioso é dispor-se a refletir sobre suas tradições, afirmando os seus valores, como também considerar a posição do outro e das diferentes formas de religiosidade, reconhecendo também a autenticidade e a significação delas. O sentimento de predomínio sobre o outro, ou a competição cega, que acaba por não considerar as singularidades de cada grupo, prejudica a relação dialogal.

O pluralismo passa a ser visto como ameaça às tradições e suas interpretações, pois ele traz abertura a novas possibilidades. Porém, a continuidade das tradições do passado deve ser reinterpretada de forma dinâmica, considerando as inovações dos contextos do presente, sem ocorrer “ruptura da preservação do código de sentido anterior”, mas uma alteração nele. “Entender a tradição de forma estática é esvaziá-la de seu conteúdo de reinvenção permanente.” A redução fundamentalista é uma reação às influências da globalização e do pluralismo: provoca o sentimento de insegurança quanto às crenças e à própria vida. Sua reação diante dessa ameaça é a rejeição da comunicação dialogal e da reflexão das tradições, “recusam todos os vetores associados à lógica moderna: a hermenêutica, o pluralismo, o relativismo, desenvolvimento, como resposta aos problemas da modernidade” (TEIXEIRA, 2008, p.72- 74).

Ainda sobre a globalização, Pui-Lan alega que há aspectos positivos sobre a ruptura das fronteiras que esse processo promove, pois permite conexões entre movimentos religiosos e sociais, que se preocupam com os direitos humanos, com a democracia, com a proteção do meio ambiente e biodiversidade. “A tecnologia moderna de comunicações leva à diversificação interna de tradições religiosas porque expande o espaço cultural e social”, e isso as favorece no sentido de atingir dimensões transnacionais. Ademais, o efeito de compressão do tempo e espaço decorrente da globalização leva as pessoas a se aproximarem e, com essa aproximação, as diversidades do mundo – cultural, religiosa, linguística, racial e étnica – são ressaltadas. Esse contato com os diferentes aspectos das sociedades conduz “muitas pessoas a questionar sobre sua realidade social, inclusive a autoridade e as instituições religiosas” (PUI-LAN, 2015, p. 11).

Arrumando a bagagem: considerações acerca dos conceitos sobre exclusivismo, inclusivismo, pluralismo e polidoxia.

Para aqueles que seguem uma doutrina institucionalizada, tradicional e/ou dogmática, torna-se difícil aceitar uma obra como *A Viagem de Théo*, cuja trama é centrada em uma peregrinação religiosa em que diversas tradições dialogam. Porém, não se pode deixar de considerar os estudos sobre dupla

pertença, trânsito religioso e ressignificação, considerados traços da religião na sociedade global. Trânsito religioso diz respeito ao indivíduo que não pertence formalmente à religião de tradição, mas conserva certa religiosidade que tem relação com sua tradição; no caso da dupla pertença, o indivíduo frequenta tanto uma instituição quanto outra, sem comprometimento em seguir uma com exclusividade; e ressignificação está relacionada às mediações de símbolos religiosos, intercâmbio de valores e crenças entre grupos.

“A emergência da sociedade global abriu a possibilidade para as múltiplas escolhas e pertencimentos religiosos, rompendo com uma situação em que o pertencimento religioso estava dado de antemão” e, dessa forma, diante das múltiplas possibilidades das formas de religiosidade, dentro das tradições, que gradualmente foram perdendo “controle sobre seus sentidos e bens simbólicos”, emergem grupos em seu interior com uma visão mais tolerante e que se mostram abertos às perspectivas de plurirreligiosidade. (STEIL, 2008, p. 8).

Na obra de Clément, o personagem principal é de tradição católica, sendo apresentada como a religião predominante na França, porém, na trama literária, os pais do personagem afirmam a escolha de não impor ao filho uma religião pré-determinada. Diante da preocupação da esposa ao constatar que o filho do casal estava lendo um livro tibetano, *o Livro dos mortos*, Jérôme – pai de Théo – argumenta à esposa: “– Escute aqui, querida, Théo não teve nenhuma educação religiosa. Estávamos de acordo quanta a esse princípio, você e eu... Não tem nada de mais ele próprio se informar! Deixe que se informe. Se quiser escolher uma religião, que tenha liberdade para isso...”. (CLÉMENT, 1998, p.14). Com a liberdade a qual lhe foi dada, o jovem sai em busca de conhecimentos, passando por diversas religiões, enriquecendo-se culturalmente e espiritualmente.

A partir das observâncias do mundo diversificado em que vivem os seres humanos, percebe-se a necessidade e a importância do diálogo, pois dele depende o arranque para o desenvolvimento social. Com a “consciência do perigo dos conflitos civilizacionais enraizados na etnicidade, na língua e na religião (...), deve-se buscar um modelo alternativo de desenvolvimento sustentável, com ênfase nas dimensões ética e espiritual do florescimento humano.” (WEIMING *apud* PUI-LAN, 2015 p. 7).

Com o advento do Concílio Vaticano II, algumas mudanças nos ensinamentos católicos em relação às religiões não cristãs surgiram. Com tom mais conciliatório, uma postura mais positiva passa a contemplar a missão e o diálogo inter-religioso. Porém, apesar de reconhecer os elementos de verdade e de graça em outras religiões, reforçou a centralidade de Cristo como salvador universal, considerando como missão da Igreja evangelizar e levar os não cristãos a Cristo, e o *diálogo* como mediador desse processo. Mas esse panorama sofreu mudanças gradativas e, nos anos de 1960-1970, depois do Concílio Vaticano II, foi criado o Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso e o Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas, o CMI, que em 1971 fundou uma subunidade chamada Diálogo com outras Religiões e Ideologias. Essa subunidade organizou encontros com líderes religiosos de outras tradições e comunidades cristãs com vivências em contextos pluralistas, para compartilharem suas experiências. (PUI-LAN, 2015, p. 24).

A relação dialógica de postura pluralista, estabelecida dentro do âmbito cristológico, modela-se em distância da postura *exclusivista* – em que só há salvação para aqueles que seguem o Cristianismo, considerando-o como a verdadeira e única religião; e também se distancia da postura *inclusivista* – em que se reconhecem verdades e valores nas tradições não cristãs, mas buscam-se semelhanças para afirmar que essas seguem os preceitos cristãos, porém de forma inconsciente e, portanto, há salvação nelas, pois “estão para e em preparação para Cristo”. Na postura *inclusivista*, enfatiza-se a universalidade do amor de Deus, portanto, ao experimentarem a graça de Deus, estão conectados a Jesus. Esses indivíduos pertencentes a outras crenças, que para os inclusivistas experimentam a graça de Deus em suas religiões, são considerados *cristãos anônimos*. O *Pluralismo*, ao contrário, busca uma interação a partir da diferença, valorizando o outro em suas especificidades. Para Pui-Lan “não é preciso

abdicar da própria identidade ou valores religiosos, mas se deve conservar a diferença religiosa não em isolamento, mas em relacionamento recíproco” (PUI-LAN, 2015, p. 18). A postura pluralista acredita que a verdade salvífica está em todas as tradições religiosas, assim, o “pluralismo religioso tem feito, de forma particular, a teologia cristã repensar Jesus Cristo, a Igreja, a salvação e a missão”. (PANASIEWICZ, 2007, p. 114).

A ideia de *diálogo* e de quem é *participante* deste tem se ampliado, por esse motivo, em algumas regiões substituíram a expressão diálogo inter-religioso por diálogo interfé, pois a interação dialogal acontece entre pessoas “pertencentes a credos e não entre religiões em si”, por conseguinte, acontece em diversos níveis, “entre líderes religiosos em encontros ecumênicos, entre estudiosos em espaços acadêmicos e nas comunidades locais e não hierárquicas” (PUI-LAN, 2015 p.25). Deve-se encarar o diálogo interfé com respeito e como abertura para falar e ouvir, aprender com o outro, com a consciência de que o diálogo envolve pessoas de fé e não essa ou aquela religião e/ou instituição.

Comunidades de diversos países vivenciaram na pele, ou observaram por intermédio dos meios de comunicação, conflitos religiosos e violência decorrentes de fundamentalismos, preconceitos de diversos níveis, questões políticas e até guerra santa. Portanto, “a construção da paz deveria ser um dos principais focos do diálogo interfé no futuro”. (PUI-LAN, 2015, p.76). Nesse sentido, teólogos têm dedicado pesquisas ao conceito de polidoxia, com o intuito de “descrever a multiplicidade e a relacionalidade de Deus e de nosso mundo”. A polidoxia reconhece a diversidade dentro da religião cristã, como também da pluralidade de comunidades religiosas e espirituais do mundo. Reconhecendo a multiplicidade, a polidoxia propõe que a lógica do Único seja desmitificada, por isso não utiliza expressões como imútavel, onipotente, entre outras para se referir a Deus e à Sua relação com a criação, pois “o divino é eterno devir” e a “criação não é definitiva, mas um processo contínuo, progressivo, com criatividade, novidade e risco” (PUI-LAN, 2015, p.77). Dentro do conjunto referente à diversidade de tradições religiosas e culturais do mundo que a polidoxia privilegia, encontram-se os preceitos da teologia feminista e suas correntes, pois buscam defender: as mulheres da subordinação em relação aos homens – visão androcêntrica do mundo; a natureza, do pensamento de que existe unicamente para benefício do ser humano – visão utilitarista da natureza; os negros e as comunidades homossexuais dos diversos preconceitos os quais têm sofrido.

Diante da diversidade e pluralidade que há no mundo, é relevante pensarmos na construção de um “ecumenismo inter-religioso”, pois, assim, não haveria o diálogo apenas com e entre cristãos, mas sim com todas as tradições religiosas.

A aventura do garoto Théo pelos locais sagrados não acontece para que ele encontre a religião considerada verdadeira, tampouco para buscar uma forma das religiões se complementarem, mas para perceber que o mundo é diverso e plural e que nele todo há beleza, mesmo onde, para determinados olhos, olhos obscurecidos pelo preconceito, haja estranhamento.

Todos a bordo: uma reflexão sobre o pluralismo religioso por intermédio da obra literária *A Viagem de Théo*, de Catherine Clément.

A literatura busca considerar e apreender o ser humano em sua totalidade, colocando-o diante de seus sonhos, questionamentos, conflitos, sentimentos e pensamentos, pois, elementos psicológicos, ideológicos, linguísticos e religiosos influenciam a confecção de uma obra literária. Ela não apenas carrega em si traços históricos da sociedade de um determinado tempo e espaço como também ajuda na construção e reconstrução da cultura. Segundo Manzatto, “ela pode julgar e transformar certos valores culturais ou, ao menos, trabalhar para que eles mudem”. (MANZATTO, 1994, p. 79). Por essas premissas, infere-se que há na literatura um forte aspecto antropológico que a faz dialogar com a

religião e vice-versa. O cristianismo é fortemente marcado por seu registro por meio da Bíblia, que contém as narrativas do povo de Israel, em suas lutas e glórias; ela se tornou o instrumento teológico da religião cristã e, sendo um livro narrativo, é tanto teológico como literário. A literatura se aproxima da teologia em sua estrutura narrativa, sua linguagem simbólica, mas também em sua capacidade de impelir o leitor a reflexões. Magalhães retoma a contribuição Assmann ao pensar a literatura como real possibilidade do mundo, do ser humano e da sociedade de se observarem para encontrar respostas quanto à razão da vida, de maneira profunda e significativa (MAGALHÃES, 2008, p. 20).

Diante disso, pretende-se nesta parte da pesquisa analisar a obra literária de Clément, considerada um *Romance das Religiões*, buscando apontar aspectos que remetem ao pluralismo religioso. Catherine Clément é francesa, filósofa, estudiosa das ciências humanas e autora de livros sobre filosofia, psicanálise e antropologia. Tornou-se conhecida mundialmente por seus romances de ficção, entre eles, *A Viagem de Théo*. Esse romance trata da odisseia, ou jornada espiritual, do personagem principal Théodore Fournay (Théo), um adolescente que vive na França com os pais e que sofre de uma grave doença para qual os médicos não conseguem encontrar a cura. Incentivado e acompanhado por tia Marthe, eles viajam para diversos continentes, como Europa, Ásia, América e África, conhecendo regiões de Jerusalém, Benares, Roma, Istambul, Praga, Bahia, Moscou, Jacarta, entre outras. Visitam templos e centros sagrados, adquirem conhecimento sobre várias culturas e sobre algumas das religiões praticadas no mundo, como o catolicismo, protestantismo, islamismo, judaísmo, budismo etc., em busca de uma ajuda espiritual como forma de amenizar o sofrimento de Théo.

O objetivo do romance não é criticar as religiões, ou influenciar o leitor quanto às suas convicções religiosas, mas mesclar conhecimentos históricos e culturais com a estética e o imaginário – elementos próprios da literatura – para demonstrar que os seres humanos, independentemente da etnia, da crença, da tradição etc., têm necessidade de se aproximarem de uma religião ou de uma vivência espiritual. A obra *A Viagem de Théo* revela que as religiões se diferenciam umas das outras em suas tradições, mas que se assemelham naquilo que o ser humano busca: um caminho como tentativa de encontrar um sentido para a vida e para o mistério que ela representa. Roberlei Panasiewicz afirma que:

A fé diz respeito à busca, à inquietação humana e ao comprometimento. É marcada pelo risco e pela insegurança, mas carrega consigo a certeza de que o ser humano está entregue a Deus. A religião é a busca da segurança, das respostas às angústias da vida, está entregue às construções que a mente humana produz. (PANASIEWICZ, 2007, p. 108).

Assim, a verdade não está pronta, não é totalitária, não está fundamentada em uma determinada doutrina ou crença, mas é um contínuo, se mantém em processo de construção e tal processo se dá por meio do diálogo que não pode ser arbitrário, mas de consonância. Além disso, a abordagem acerca do pluralismo religioso e o possível diálogo respeitoso entre as religiões, que a obra aponta, são relevantes à pesquisa que engloba as histórias das religiões e das relações entre as pessoas de diferentes religiões. A cada local a que o jovem e a tia chegam, são recebidos por líderes ou representantes religiosos, os quais acompanham os personagens em visitas a templos e monumentos sagrados. Os anfitriões falam sobre a história de suas religiões, um a um, demonstrando, assim, a aceitação e o respeito pelo outro, em uma convivência sem preconceitos e sem imposições; mesmo que, em determinados momentos, haja contrassenso, eles interagem com cordialidade e bom humor. Considerando os preceitos de Hegel acerca da solidariedade inter-religiosa, Pui-Lan afirma que “o reconhecimento recíproco está baseado no agir livre, despido de dominação e de exclusão, de modo que a liberdade de cada um fica protegida e garantida”. (PUI-LAN, 2015, p. 82).

Em Jerusalém, início da jornada do garoto, os guias de Théo foram três senhores, que, segundo ele, “não eram tão velhos assim; a barba deles é que dava essa impressão, uma branca sobre o longo manto, uma castanha sobre um terno cinza, outra loura, complementada com uma rodela presa nos cabelos, uma quipá.” (CLÉMENT, 1998, p. 54). Eram: o Rabi Eliezer Zylberberg, que mostrou a Théo a “Jerusalém dos hebreus”; o padre Antoine Duborg, que mostrou a “Jerusalém dos cristãos”; e o sheik Suleyman Al’Halid, que mostrou ao jovem a “Jerusalém dos muçulmanos”. Mas os três foram juntos. Tal declaração surpreendeu Théo, pois para o garoto aqueles “homens de Deus” estavam sempre em guerra, porém os guias lhe explicaram que muitos deles rejeitavam “esses absurdos” (as guerras). O jovem, que não tinha nenhuma educação religiosa, precisava de informações para formar sua própria opinião. “Mas por onde começar? – Indagou o rabino. – Pelo que nos une – Sugeriu o sheik. – Veja bem, caro rapaz, nossas três religiões têm em comum o Deus, o Criador”. (CLÉMENT, 1998, p. 55). Após ter ouvido sobre a tradição de cada um deles, o jovem ainda os questionou: “Então, se Deus os une, o quê os separa? “Por que brigar entre cristãos, judeus e muçulmanos? (...) – Porque – disse o sheik – as batalhas que nos opõem há séculos são querelas de terras e de poder”. (CLÉMENT, 1998, p. 69).

As observações aqui levantadas acerca da obra suscitam questionamentos, tais como: o ser humano é capaz de abrir-se para um mundo plural? As religiões possuem certo aspecto de *porosidade* que permite que elementos de outras culturas e tradições penetrem nelas. E, dessa forma, as religiões estão sempre em processo de renovação? Se não há religião pura, é certo afirmar que uma determinada religião é a verdadeira?

Fato é que a globalização fez avançar o conhecimento do mundo diversificado, culturalmente e religiosamente, eliminando fronteiras. Ao se adentrar nas teologias, nas histórias e tradições das diferentes religiões, percebe-se também que não existe religião pura, não há pureza cultural, como não há ser humano acabado, mas existe um processo de crescimento. O catolicismo no Brasil, por exemplo, se revela heterogêneo e complexo. A flexibilidade da maneira de ser católico é uma característica brasileira que traz uma ampliação das possibilidades de comunicação com o sagrado, que permite ao ser humano lidar com certos aspectos da vida e, até mesmo, com o além da vida. Segundo Teixeira: “O que para o protestante tradicional ou católico romanizado seria expressão de pernicioso sincretismo ou superstição, para boa parte dos fiéis significa um modo de alargar as possibilidades de proteção”. (TEIXEIRA, 2005, p. 17).

A religião é um forte elemento na construção da identidade de diversos povos. No caso do povo brasileiro, desde a colonização do país, assim como a sociedade, a religião sofre variações, porém ela nunca deixa de se conectar com sua origem (*arché*). Para mostrar como o catolicismo é uma religião multifacetada, Faustino Teixeira (2005) aponta alguns desdobramentos. Assim, o catolicismo pode se apresentar como: “santorial”, “erudito ou oficial”, dos “reafiliados” ou “midiático”. Concisamente, o catolicismo *santorial* tem como característica principal o culto aos santos, é um catolicismo presente na tradição do país desde o período colonial. Os cultos faziam parte da vida religiosa da população leiga em suas capelas, oratórios, irmandades, sendo que os santos faziam também parte da vida familiar do povo, em suas casas e negócios. Durante muito tempo esse catolicismo foi de “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”. Esse catolicismo popular era relativamente autônomo em relação ao catolicismo institucionalizado, não necessitava de padres no dia a dia, da dinâmica de sua vida religiosa e de sua fé, porém não havia oposição a eles, inclusive eram recebidos com entusiasmo em ocasiões especiais, para bênçãos e realizações de certas cerimônias ou ritos de passagem. O catolicismo *oficial* é baseado na tradição universalista e “caracterizado pelo maior controle sobre os leigos e suas associações e de adequação do catolicismo brasileiro às diretrizes centralizadoras de Roma”. Não há como negar o impacto da romanização sobre a religiosidade popular, porém suas “concepções basilares do catolicismo popular tradicional, como o culto aos santos e a crença nos milagres, permanecem vivas”. A rigidez do catolicismo oficial para a afirmação de uma memória coletiva das tradições, com o

passar do tempo, passa por um declínio, fato relacionado ao surgimento de sociedades consideradas “pós-tradicionais”, que questionam a forma usual de preservação das tradições e “exigem processos criativos de sua reinvenção e inserção no tempo”. Dessa forma, ocorre uma rejeição de certos elementos da tradição, incluindo os de pertença social e cultural, em que a religião se encontra em lugar de destaque. Os indivíduos passam a ter mobilidade para outras confissões religiosas, como as de raízes protestantes, ou mesmo passam a integrar o grupo dos “sem-religião”. Tal situação também favorece a emergência de outra figura na paisagem das religiões, a qual exemplifica a afirmação identitária presente em algumas experiências religiosas em curso no Brasil, como a Renovação Carismática Católica (RCC) e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Esses são exemplos de catolicismo dos *refiliados*, que retomam valores do catolicismo tradicional mas também possuem suas particularidades. Outra configuração do catolicismo é o *midático*, fenômeno emergente considerado importante no cenário religioso e relacionado à diversificação da experiência da Renovação Carismática Católica. Sua característica central é sua forte presença nos meios de comunicação “que marcou uma nova atuação pública na sociedade brasileira” (TEIXEIRA, 2005, p 19 - 21). Tais exemplos ilustram como há uma dinâmica dentro do campo religioso, que acontece tanto no catolicismo como em outras religiões, cristãs ou não, que sofreram, e ainda sofrem, transformações e renovações, mas que não perdem sua legitimidade.

Na obra *A Viagem de Théo*, tia e sobrinho dialogam com pessoas de diversas religiões, sempre questionando, respeitando e aprendendo sobre si mesmos e sobre o outro. Além do Islamismo, Judaísmo, Cristianismo, eles aprendem a história e os ensinamentos do Budismo, do Pentecostalismo, das religiões de origem africana, inclusive do Candomblé praticado no Brasil, do Hinduísmo e das variadas ramificações dessas religiões. Ademais, a obra contempla o sentido amplo de *plidoxia*, ao considerar as relações das religiões, e do mundo, com as mulheres e com os homossexuais, além da relação de pluralidade religiosa.

Ao ser questionada por Théo sobre o significado de *centro da alma*, a personagem Nasra, jovem muçulmana, lhe responde em versos:

“Eu” e “tu” são o véu
 Que o Inferno entre eles teceu.
 Quando esse véu diante de ti se ergue, nada subsiste
 Das seitas e dos credos que nos agrilhoaram.
 Toda a autoridade das leis só pode referir-se
 Ao teu “eu” ligado ao teu corpo e à tua alma.
 Quando o “eu” e o “tu” não estão entre nós dois
 O que são mesquita, templo do Fogo ou sinagoga? (CLÉMENT, 1998, p. 449.)

Esses versos recitados por Nasra são do sufi Shabistari. Ao ouvir os versos, o garoto se manifesta mais uma vez com suas perguntas:

“– Nada mal – admitiu o rapaz. – Mas qual é o momento em que o “eu” e o “tu” não estão entre duas pessoas? – O momento do amor – ela responde. – Quando duas pessoas se amam tanto que não constituem mais que um só todo.”. A jovem lhe conta a história do mestre fundador da ordem dos dervixes, o Maulana, que na juventude era teólogo muçulmano clássico. O Maulana conhece um mendigo enigmático, o qual acaba por desaparecer, e por quem o teólogo nutre grande amor, fato que o deixa abalado. Ela conta:

“O Maulana não tem palavras fortes o bastante para descrever o amor que o liga a esse homem: uma fusão divina, que leva a Deus. – Homossexual, então? – Observou Théo. – Pouco importa. – disse Nasra. –Tal amor não se incomoda com sexo.”.

Quanto à valorização da mulher, Nasra conta a Théo e a Marthe que a maior sufi do islã era uma mulher. “ – No Irã? – exclamou tia Marthe num tom desdenhoso. – Que surpresa!”. A jovem argumenta: “– Mais ignorância! Rabia foi, no século IX, a maior santa do mundo muçulmano. A vida toda ela viveu na pobreza, abrasada pelo amor divino. Os sultões vinham de longe visitá-la, os sábios admiravam-na (...)” (Idem, 1998, p. 450).

No artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, consta que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

Desbravando novos caminhos: a simbologia na obra *A viagem de Théo*

O humano é um ser interpretativo e suas interpretações produzem os arquivos da humanidade, em que se encontra o acervo de textos religiosos e também de apócrifos - mas que de forma semelhante carregam em si as expressões do sagrado. É com o decifrar de signos e símbolos que o ser humano se objetiva; assim, a hermenêutica se faz necessária para que o reconhecimento de si e do mundo seja possível, isso se dá por meio da linguagem que é expressão da vida, captadora e inventora de sentido. A obra *A viagem de Théo* mistura elementos descritivos (descreve elementos sobre diversas tradições religiosas) e narrativos (narra, utilizando-se de elementos ficcionais, a jornada do adolescente Théo), porém não é por causa da menção literal dos aspectos religiosos nem mesmo porque a obra menciona Deus, que ela, como literatura, dialoga com a teologia e vice-versa. Esse diálogo se dá de forma mais ampla, por intermédio da simbologia e por meio dos sentidos e significados que ela produz.

O personagem principal da obra é o garoto Théodore, de apenas catorze anos de idade, muito doente, que passa por diversos locais do mundo, dialogando com várias culturas e religiões. Ele é descendente de gregos, e o nome Théodore (francês), ou Theodoro (espanhol, português), vem do grego *Theo-doros*, o qual significa “dádiva de Deus”. Desde pequeno, sua família e amigos o tratam por Théo, que *théo* significa Deus (OBATA, 1986, p. 183-184). Diante dessas premissas, torna-se instigante a ideia dos possíveis significados suscitados pela obra: o jovem Théodore, – nome que remete a presente de Deus, como o Seu filho Jesus, que foi enviado por Ele, mas que, pela simbologia apontada na obra, pode indicar os ensinamentos por ele (Jesus) deixados – está debilitado e busca fortalecimento nas diversas religiões da humanidade. O remédio materialmente criado pelo ser humano não foi suficiente para curá-lo, entretanto o remédio espiritual que vem não desta ou daquela cultura, mas do conjunto delas é que serve como elemento fortalecedor. Há várias narrativas bíblicas que descrevem Jesus curando os enfermos, como no evangelho de Mateus: ‘E assim se cumpriu o que fora dito pelo profeta Isáias: “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças.”’ (Mt 8:17). A doença de Théodore pode ser interpretada como a fraqueza humana em relação aos princípios propagados por Jesus, que acolheu pessoas de todas as esferas da sociedade e as curou, uma demonstração de solidariedade e alteridade. Porém, apesar dessa nuance cristológica, não é somente uma religião cristã que o garoto procura, mas sim a diversidade de religiões e religiosidades, o que reforça o caráter de *polidoxia* dentro da obra.

O nome Marthe (francês), ou Marta (espanhol e português), considerado como o feminino do aramaico *Mar*, “senhor”, significa “senhora, dona-de-casa” (OBATA, 1986, p. 138). Nome também bíblico, Marta aparece como uma mulher que recebe e acolhe Jesus na casa dela. (Lc 10.38-42). Entretanto, tia Marthe, personagem da obra, não recebe, mas leva Théo a outras casas, isto é, o conduz a diferentes locais e templos sagrados. Tal aspecto reforça a ideia de universalidade, pois como questiona Andrés Queiruga: “Que são as religiões senão modos de configurar socialmente o descobrimento do divino como esperança contra a dor, o pecado e a própria morte?” (QUEIRUGA,

2007, p.110). O teólogo se ocupa de um elemento importante ao ser humano: a esperança. A esperança do personagem Théo nos lança a uma reflexão quanto à nossa própria esperança. E o que esperamos? O ser humano secularizado tem se preocupado por compreender a esperança, e tal preocupação tornou-se universal. O garoto enfermo sai à procura de algo que possa afirmar sua esperança de viver e sua fé. A esperança não está em ler as escrituras e aprisionar ou deixar-se aprisionar por dogmas ou restrições infundadas. Portanto, “a esperança não pode permanecer em constatação estática; ao contrário, deve converter-se necessariamente em movimento extático, que, mobilizando o presente, abre-se ao futuro e põe em ação a própria vida” (QUEIRUGA, 2007, p. 20).

Se, para os cristãos, Jesus é “a verdade e a vida”, Théo nos mostra que apossar-se de um ensinamento religioso e transformá-lo em postura exclusivista, torna-o também enfraquecido, ou *doente*, aquilo que verdadeiramente Deus pregou. Todos os seres humanos são iguais? Não. Mas há igualdade nos direitos humanos e, quando não se consegue enxergar a igualdade na diferença, deve-se lembrar que, diferentemente do ser humano que só enxerga o que está diante dos olhos, o “*Senhor vê o coração*” (1 Samuel, 16:7).

Diante de tais apontamentos, há de se abrir a mente a reflexões futuras, valorizando não apenas o acolhimento do pluralismo religioso mas também o das opções espirituais e de religiosidade. Como declara Teixeira:

Isso requer uma importante distinção entre religião e espiritualidade [e/ou religiosidade]¹. Enquanto a religião envolve um sistema de crenças e práticas relacionadas a um corpo institucional, a espiritualidade diz respeito a qualidades do espírito humano, entre as quais a compaixão, cuidado, delicadeza, cortesia, tolerância e hospitalidade. São qualidades que podem estar presentes na religião, mas também alhures. (TEIXEIRA, 2012, p. 176).

O personagem Théo, ao chegar a Istambul, conhece uma jovem muçulmana chamada Nasra, que lhe dá algumas explicações sobre a cultura sufi, a qual ela seguia. Nasra lhe conta sobre a origem da cultura, sobre os dervixes, rituais, vestimentas etc. e segue afirmando que, pela singularidade de sua tradição, os sufis sofreram discriminações e até perseguições, mas eles se consideram muçulmanos, nas palavras da própria personagem: “Amamos a Deus e nos abandonamos a Ele... Mas, por princípio, pensamos que somente a parte externa de Deus difere conforme os países e os povos, a parte interna é a mesma para todos, universal em sua luz!” (CLÉMENT, 1998, p. 448-449).

É possível ter esperança de boas relações a partir do conhecimento que o ser humano alcança de si mesmo e do próximo e o caminho para isso é o *diálogo*. Para Faustino Teixeira, o diálogo inter-religioso estabelece comunicação e relacionamento entre pessoas de tradições religiosas e espiritualidades diferentes, o que envolve o ato de compartilhar experiências e conhecimentos. Essa comunicação propicia um clima de abertura, empatia, simpatia e acolhimento, eliminando preconceitos para que haja *mutualidade*. Tal diálogo inter-religioso, ou diálogo *interfé*, envolve pessoas que estão enraizadas e compromissadas com sua própria fé, mas igualmente disponíveis ao aprendizado da diferença. Dessa forma:

O encontro das religiões tem uma indispensável dimensão experiencial e mística. Sem uma certa experiência que transcende o reino mental, sem um certo elemento místico na própria vida, não se pode esperar superar o particularismo da própria religiosidade, e menos ainda ampliá-la e aprofundá-la, ao ser defrontado com uma experiência humana diferente (TEIXEIRA, 2012, p. 433).

¹ Acréscimo meu.

As religiões, assim como as religiosidades, e/ou espiritualidades, podem exercer um papel importante na construção de uma ética voltada para a superação do preconceito, do fundamentalismo e demais conflitos que excluem, e até mesmo violam os direitos humanos. A literatura, por ser em si também um diálogo – do autor com o leitor e vice-e-versa –, é constituidora de caminhos para o bem maior dos seres humanos e de suas relações entre si e com o mundo.

Na obra *A Viagem de Théo*, pode-se observar que, a partir do diálogo *interfé*, as pessoas abertas a esse diálogo demonstraram uma igualdade na diversidade: o amor de Deus para com todos. Os personagens se uniram na fé, cada qual com suas formas de manifestação religiosa, para o bem ao próximo. Ao final do romance, o garoto Théo voltou para casa não apenas renovado em sua saúde mas também, e principalmente, em seu espírito.

Conclusão

Pretendeu-se nesta pesquisa ressaltar aspectos do Pluralismo Religioso, na obra de Catherine Clément, *A Viagem de Théo*, com base em estudos acerca dos efeitos da globalização na esfera religiosa. Globalização que, tornando transnacionais as tradições, tornou também evidente a diversidade de religiões e expressões religiosas, revelando tanto posturas excludentes, como includentes e pluralistas. Ademais, a partir do conceito de *polidoxia*, uma das bases conceituais do *princípio pluralista*, buscou-se apontar, por meio da obra literária, a importância do diálogo inter-religioso ou *interfé*, tanto para compartilhar experiências como também discutir questões que atingem, direta ou indiretamente, todos os seres humanos. Deve-se pensar no poder da religião e da religiosidade para união de forças, “um valioso recurso” para cuidar de problemas como “a proteção do meio ambiente, as desigualdades da pobreza, e os dilemas éticos produzidos pelo conhecimento científico e pela tecnologia” (PUI-LAN, 2015, p. 94)

De todos os sentidos que englobam as ações do ser humano a literatura é participante e representante; na obra *A Viagem de Théo*, ela (a literatura) serviu como expressão de uma caminhada de união, de mutualidade, de amor e, antes de tudo, com Deus e em Deus.

Referências

CLÉMENT, Catherine. **A Viagem de Théo** – Romance das Religiões. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MANZATTO, Antônio. **Teologia e Literatura**: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994.

MAGALHÃES, Antônio. **Deus no espelho das palavras**: teologia e literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2009.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Esperança apesar do Mal**: A ressurreição como horizonte. São Paulo: Paulinas, 2007.

OBATA, Regina. **O livro dos nomes**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Pluralismo religioso contemporâneo** – Diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007.

PUI-LAN, Kwok. **Globalização, gênero e construção da paz: o futuro do diálogo interfé.** Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulus, 2015.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. O princípio pluralista: bases teóricas, conceituais e possibilidades de aplicação. **Revista de Cultura Teológica**, v. 25, p. 234-254, 2017.

STEIL, Carlos Alberto. “Oferta simbólica e mercado religioso na sociedade global” (p. 7-16). *In*: MOREIRA, Alberto da Silva; DIAS, Irene de Oliveira (orgs.) **O Futuro da Religião na Sociedade Global**. São Paulo: Paulinas/UCG, 2008.

TEIXEIRA, Faustino. O Espírito e a teologia do pluralismo religioso. *In*: **Tempos do Espírito – Inspiração e discernimento**. Jaldemir Vitório, Manoel Godoy (orgs.). Belo Horizonte: SOTER; São Paulo: Paulinas, 2016.

TEIXEIRA, Faustino. O imprescindível desafio da diferença religiosa. **Revista interdisciplinar da mobilidade humana – REMHU**. Brasília, ano XX. Nº 38, p.181-194. jan/jul. 2012

TEIXEIRA, Faustino. Faces do Catolicismo brasileiro contemporâneo. **Revista USP**, São Paulo, n.67, p. 14-23, setembro/novembro 2005.

UNIVERSAL Declaration of Human Rights. Disponível em: <https://unric.org/pt/wp-content/uploads/sites/9/2019/07/Declaração-Universal-dos-Direitos-Humanos.pdf>. Acesso 30 mai. 2020.

Recebido em 12/07/2020

Aceito em 20/08/2020

Received 07/12/2020

Approved 08/20/2020